

O alargamento da escolaridade obrigatória lançou novos desafios às escolas e aos professores, pois, até então, os alunos com NEE, principalmente os que apresentavam problemáticas mais complexas, não continuavam os estudos após os 15 anos de idade.

Para que os alunos com NEE sejam realmente incluídos, é necessário repensar as realidades organizacionais das escolas secundárias para que estas possam receber todos os alunos, sem nenhum tipo de discriminação ou diferenciação.

É pertinente analisar a forma como os agrupamentos, e as escolas não agrupadas, se prepararam para receber os jovens com NEE; as condições físicas, materiais, organizacionais e humanas que possuem e a “disponibilidade psicológica” dos docentes e dos assistentes operacionais para trabalharem com estes alunos.

Uma escola não se pode autointitular de inclusiva se existirem barreiras físicas. Isto é, embora possa existir uma cultura de escola que promova a inclusão de todos, o aluno que não consiga movimentar-se de forma autónoma na escola irá sentir-se excluído, pois estará limitado no espaço.

Há alunos que não podem usufruir de todo o espaço escolar (biblioteca, sala de música, bar dos alunos por limitações na acessibilidade).

Enquanto estabelecimentos públicos, as escolas devem possuir infraestruturas que sejam coerentes com os princípios da inclusão em termos de acessibilidades.

No que concerne às casas de banho verifica-se que na maior parte das escolas apenas existe casa de banho adaptada se houver unidades de multideficiência mas há muitos alunos com mobilidade reduzida que não frequentam unidade de multideficiência.

A inclusão depende, em grande parte, dos intervenientes diretos com os alunos, a saber os professores e os assistentes operacionais.

A flexibilidade pedagógica que é exigida aos professores depende, em grande parte, da preparação dos mesmos, que é dependente, por sua vez, da formação que estes receberam e vão recebendo.

Relativamente à Educação Especial muitos docentes consideram que não foram devidamente preparados para a inclusão de alunos com NEE nas salas de aula regulares.

A par dos professores, o pessoal não docente, e principalmente os assistentes operacionais, desempenha um papel muito importante no acompanhamento dos alunos com NEE. a formação contínua na área das NEE seria de grande importância para o sucesso da escola inclusiva.

Os jovens com necessidades educativas especiais precisam de ser apoiados para fazerem uma transição eficaz da escola para a vida pós-escolar. Cabe, não só às escolas, mas a toda a comunidade, ajudá-los a tornarem-se ativos economicamente e proporcionar-lhes as competências necessárias à vida diária, oferecendo-lhes uma formação nas áreas que correspondem às expectativas.

Urge criar cursos profissionais adaptados às necessidades dos alunos com NEE, com disciplinas de competências sociais e emocionais.

Para os alunos com NEE mais complexas há que lhes proporcionar a possibilidade de praticarem e vivenciarem experiências em contexto real de trabalho

A OV deve proceder à consulta vocacional junto dos jovens com NEE, de forma a desenvolver interesses e motivações ajustadas às capacidades de produtividade e adaptabilidade ao meio local. A definição de perfis assume-se como um ponto de partida ótimo à elaboração do PIT no domínio das competências pessoais e profissionais.

Devem ser desenvolvidas áreas de capacitação de acordo com a Portaria n.º 201_C/2015.

Mas como se nas escolas faltam os recursos físicos e humanos?

Se na comunidade não há instituições?

Se os CRI não dão resposta?

E para os alunos com NEE muito complexas, que respostas?